

nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



N14 · JULHO 2019

COMO SAIR DELA?

EM MEMORIA DE WILHEN
VAN SPRONSEN E SOBRE
OS CAMPOS DE DETENÇÃO
DE IMIGRANTES EM E.U.A

NASCE O BLOGUE
CONTRAODOGMA
.NOBLOGS.ORG

COMO SAIR DELA?

MACHETE Nº 3

Desde o primeiro dia em que se reuniram em tribos até aos dias de hoje em que se unem e se dividem em nações, os indivíduos tentaram e suportaram todas as formas de opressão, submeteram-se a todos os sistemas de escravidão, serviram todos os tiranos, inclinaram-se sobre o jugo de todas as leis. Quando uma tirania era demasiado pesada, substituíram-na -é verdade- por outra, mas mesmo quando juraram lutar e morrer pela liberdade, toda a sua angústia foi realmente consumida para mudar os governantes.

O que é que eles conseguiram? A perpetuação do sofrimento, da miséria, de todo tormento, de toda angústia.

Passando de um patrão para ou-

tro, de um sistema de exploração para outro, os indivíduos sempre foram os pobres que vendem o seu trabalho a uma empresa, a uma sociedade, ou ao Estado, recebendo para compensação o mínimo estritamente necessário, obrigados a passar fome quando voltam a produzir, para aqueles que especulam sobre o seu trabalho, o que deveria significar um desânimo pelos bens produzidos. Os cidadãos, confiando a um patriarca, a um chefe, a um conselho, a delegados, a um ditador, à faculdade de regular a chamada vida civil como um todo, sempre foram os sujeitos de quem os movimentos e os pensamentos são controlados e a quem a todos as medidas podem ser impostas, incluindo a do sangue.

E os indivíduos, trabalhadores e cidadãos, depois de séculos e séculos de experiências dolorosas, de escravidão que se sucedem, estão sempre no mesmo ponto, torturados, isto é, sempre pela mesma necessidade de paz, justiça, liberdade. E entre aqueles que não estão desanimados, não se abandonam ao destino e ainda aceitam o fato de terem sido cumpridos, a maioria deles estão ansiosos para percorrerem caminhos que já foram batidos, outros estão ansiosos para tentar não caminhos novos, senão edifícios que são diferentes dos existentes, mas reconstruídos com materiais antigos; sempre colocando o eixo da nova construção em uma base de autoridade.

E desse esforço eterno e vão que lembra o de Sísifo, resulta um estado de cepticismo e ao mesmo tempo de desespero que envenena as fontes da vida, que desvia o homem e o torna um servo ganancioso ou um governante impiedoso. Como a velha história se repete...

Há também muitos que, mesmo quando cansados em vão, olham ansiosamente para investigar se realmente existe outro caminho. É a estes muitos que nos dirigimos. Dizem e perguntam: como sair desse estado de coisas que se renova em substância mesmo quando se transforma em seus aspetos?

Como? Dando um pontapé em todo o passado, mesmo que ele se disfarce como um presente e talvez como um futuro. Não é o passado a autoridade, o privilégio, o dogma, a regra fixa, a lei única, os poucos que mandam, os muitos que obedecem, a desigualdade estabelecida por Deus?

Tudo no passado e no passado molda o presente e molda o futuro não pesou ontem, não pesa hoje, não pesará amanhã sobre você?

E então, por que insistir nessa carreira de loucos, dentro de um círculo fechado por arame farpado, para passar por onde você já passou, para cair sob a mesma cruz, não três vezes, mas cem, mil vezes e sobre as mesmas pedras, ainda que quem bate nos rils não seja mais servo de Caifás ou legionário de Roma, mesmo que o torturador seja uma gendarme republicana que garante toda manhã com liberdade, igualdade e fraternidade?

Vamos sair deste círculo, vamos quebrar este círculo. Fora... além... além... além...

- Mas o que propõe é um salto para o escuro.

Porquê no escuro? Estás talvez na luz hoje?

- Mas o que vamos encontrar lá?

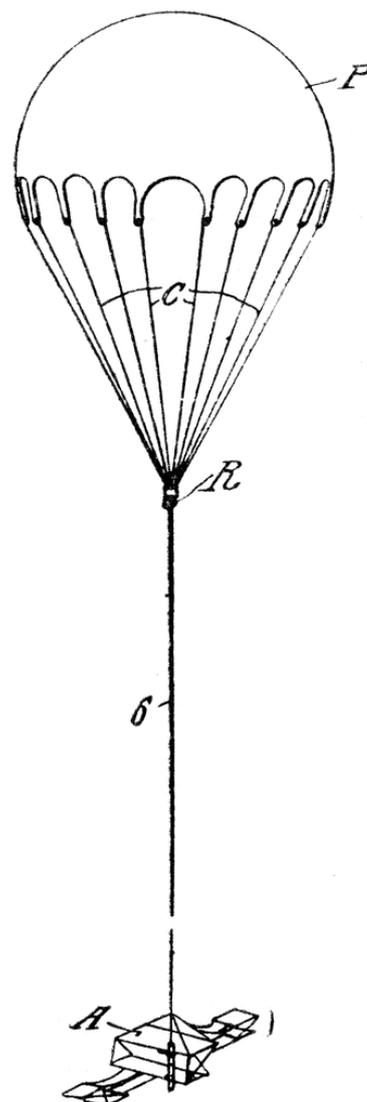
O que vais encontrar lá? Ah! Indivíduos dignos de toda a escravidão! Eis que quereis que vos apresentemos ali, além do círculo, um mundo já feito; uma nova cidade já construída, com regras já estabelecidas e celeiros já cheios? Bem, nada disto. Não esperamos que vocês, fora desse círculo, tenham a possibilidade e a liberdade de formar uma nova vida, uma nova existência, assim como vocês sonham com ela na hora do desânimo, do castigo, do sofrimento.

Não quer justiça, paz e liberdade? Agora ninguém te pode dar estas coisas, só tu as podes ter. A cidade ideal só pode ser construída por aqueles que gostariam de viver nela.

E se nos pedir as nossas opiniões, dar-lhas-emos de bom grado...

Se nos pedirem regras e planos, nós recusamo-los. A anarquia abre a porta a todas as experiências. Prontos a revoltar-se para os fechar contra qualquer nova possibilidade de tirania.

*Não quer justiça,
paz e liberdade?
Agora ninguém
te pode dar estas
coisas, só tu as
podes ter.*



EM MEMORIA DE WILHEN VAN SPRONSEN E SOBRE OS CAMPOS DE DETENÇÃO DE IMIGRANTES EM E.U.A

Desde que Trump aplicou a sua política de **Tolerância Zero** contra a imigração ilegal já som dezenas de milhares de pessoas imigrantes encerradas nos campos de detenção pendentes de ser deportadas ou sem papéis em regra; ou no mínimo essa é a ideia, já que em varias ocasiões detiveram e encerraram pessoas sem umha ordem de arresto, simplesmente levando pola força gente que consideravam suspeita. A Gestapo norte-americana que se encarrega de recluir imigrantes nestas instalações em condições inumanas é o ICE (Serviço de Imigração e Controle Aduaneiras), e baixo a sua custódia já morreram -no mínimo- 24 pessoas imigrantes, devido em gram medida à péssima atenção sanitária. Mas como

sempre a versão oficial é a dos carcereiros, ainda assim há muita confusão sobre as mortes, e já há tempo que se vem denunciando as condições às que estão submetidas as pessoas encerradas, vulnerando os seus direitos civis e humanos.

Cumpra dizer também que separam as crianças dos seus pais e as suas mães, tendo instalações para encerrar três barrotos menores de idade.

Devido a isto, o passado 13 de junho teve lugar em Tacoma (Washington) umha manifestação frente a um destes campos de concentração **onde encerram de maneira indefinida a mais de 1500 migrantes e pessoas refugiadas**. Neste centro houve várias greves de fome -coletivas com outros no resto do país- para melhorar a qualidade da comida e o serviço médico, ambas as duas petições ignoradas pelo governo. A manifestação transcorreu de maneira pacífica, salvo pela aparição de vários fascistas que defendiam os campos de detenção racistas, o que provocou um enfrentamento que ficou em berros duns a outros enquanto a polícia vigiava que não fosse a mais.

O grave aconteceu 6 horas depois da manifestação, quando **Wilhen Van Spronsen**, um anarquista de 69 anos, farto de sentir-se impotente, voltou de noite às instalações do ICE com um rifle nas costas e vários objetos

incendiários com a intenção de provocar danos aos veículos que utilizam para transportar as pessoas que retiram das suas casas até essa prisão. Conseguiu prender um antes de que a polícia o acrivilhasse.

A pesar de que tinha um rifle, nenhum polícia resultou ferido, de facto não consta que chegasse a disparar. Um polícia reconheceu-no da manifestação que teve lugar horas antes, pois segundo ele, quando este polícia estava a deter um rapaz de 17 anos, Wilhen foi por ele e sujeitou-no pelos ombros até que o liberou.

Wilhen sabia o que podia acontecer, **ele tinha pensado morrer nessa noite**. Enviou cartas a várias pessoas a chegadas a modo de despedida e deixou um manifesto/comunicado explicando por que fijo o que fijo, aqui colamos alguns fragmentos:

“É momento de atuar contra as forças do mal.

O Mal di que umha vida vale menos do que outra.

O Mal di que o fluxo de comercio é o propósito polo que estamos aqui.

O Mal di que os campos de concentração para pessoas consideradas inferiores são necessários.

Os servos do mal dizem que os campos de concentração deveriam ser mais “humanos”.

Cuidado com a gente de centro.

Tenho o coração quebrado dum pai,

um corpo derrotado

e um firme ódio contra a

injustiça.

Isso é o que me trae aqui.

Esta é a minha oportunidade para tentar marcar umha diferença, seria um desagradecido de ficar aguardando um convite mais óbvio.

[...]

Quando era um neno, na Holanda da pós-guerra, mais tarde na França, a minha cabeça encheu-se com histórias do ascenso do fascismo nos anos 30. Prometim-me a mim mesmo que não seria um desses que não fazem nada enquanto a vizinhança é expulsada das suas casas e encarcerada por ser considerada inferior.

Não tens que prender lume a essa escória, mas simplesmente ficar sem fazer nada?

[...]

Sou um homem que vos ama a todos e a esta bola giratória tanto que vou cumprir a promessa que me fizem de neno de ser nobre.

[...]

Eu penso em termos de branco e preto.

Os campos de concentração são umha abominação.

Não vou ficar parado.

Realmente não deveria de explicar nada mais.

Deixo a um lado o meu coração quebrado e saudável da única maneira que sei: sendo útil.

Dou-lhe um uso à minha dor e dirijo-me contente a realizar esta tarefa.

Sou antifascista. Estou com os companheiros de todo o mundo que atuam desde o amor da vida em cada ação. Companheiros que entendem que a liberdade significa liberdade real para todos e umha vida que mereça a pena viver.

(Para aquelas pessoas afligidas pelas minhas ações, espero que tiredes delas o melhor partido possível)

[...]

Sou antifascista. Estou com xs companheirxs de todo o mundo que atuam desde o amor da vida em cada açom. Companheirxs que entendem que a liberdade significa liberdade real para todxs e umha vida que mereça a pena viver.

A manter a fé!

Todo o poder para o povo!

Bela ciao.”

Também é oportuno acrescentar estas linhas encontradas em *crimethinc.com*:

“Que ninguém diga que é “violento” atacar a infraestrutura de ICE e os mercenários que a mantêm. A verdadeira violência é a cumplicidade do “Bom cidadão” que nom fai nada quando a sua vizinhança desaparece, igual que o “Bom Alemão” decidiu ignorar o que lhes estavam fazendo nos anos 30.

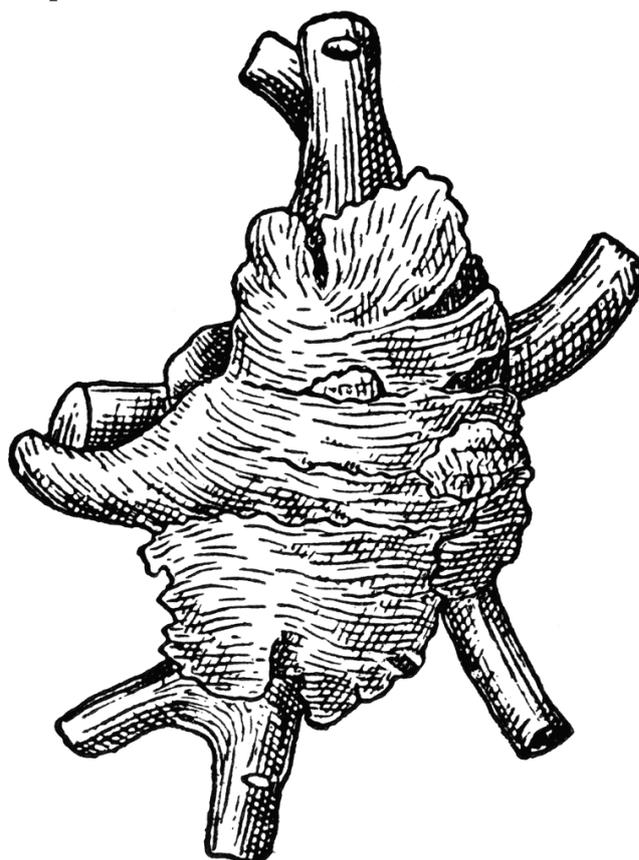
Wilhen Van Spronsen decidiu pensar por si mesmo. Assumiu a responsabilidade pessoal e fijo o que puido para pôr fim ao que reconheceu como umha injustiça. Nom usou a defesa de Nuremberg para escusar as suas ações da maneira em que o fam toda a polícia e os carcereiros.

Nesse sentido, o que fijo foi heroico.”

Para rematar, quero lembrar que as condições das prisões das quais se falárom aqui nom se distanciam muito das condições das prisões no estado espanhol, que nom pareça algo afastado o de menores encerrados separados das suas famílias, drogados à força por umha adultocracia regida polo Estado, ou pessoas presas assassinadas polos carcereiros o por desatenção médica -a pesar do que digam as versões oficiais-, ou pessoas imigrantes detidas ao pouco de porem um pé na terra que chamam Espanha, comprimidas em instalações desenhadas para encerrar menos número de pessoas, sem saberem quando vam sair, ou pessoas fazendo contínuas greves de fome para melhorar ainda que seja um pouco as suas péssimas condições.

Abaixo todas as prisões!

Wilhen Van Spronsen decidiu pensar por si mesmo. Assumiu a responsabilidade pessoal e fijo o que puido para pôr fim ao que reconheceu como umha injustiça.





nom é necessario ler nem saber ler
para gostar da poesia
nom é necessário
gostar de poesia
saber inglês para entender as letras
de grandmaster flash
entender que em todos está Carlo
nengum disparo na cabeça

nom é necessário
dous tiros desde o carro
nem nengum outro g8
para entender a raiva de trezentas mil pessoas conetadas
dum extintor no chao
da exibição da força num corpo sem vida às dezessete e vinte e sete
na praça que hoje leva o seu nome a sprai
dum vinte de julho
sempre

nom é necessário
umha carrinha policial a esmagar o corpo
nem que acabe o dia sem pegar nesse extintor
sem atira-lo adentro
sem educar e ter memória
para que nom esqueçam
para que ninguém mais se meta na polícia

NASCE O BLOGUE

CONTRAODOGMA.NOBLOGS.ORG

Este blogue nasce da necessidade de análise, da crítica política do anarquismo e o trans-feminismo.

Nasce também com um fim terapêutico, para ter um espaço onde deitar o nosso discurso e a nossa autocrítica, um espaço onde atovar-os na afinidade.

Nasce da necessidade de pôr voz própria aos últimos acontecimentos em Compostela e às suas consequências no entorno libertário galego.

Sabemos que construímos o nosso próprio relato em torno à nossa subjetividade, polo que decidimos chegar diversas reações (até o de agora inco-nexas em redes ou nos círculos pessoais), reflexões próprias e materiais relacionados.

Vemos a necessidade de publicar ditas reações ainda nom partilhando algumas ou matizando outras, com a intenção de reconstruir o contexto sem contaminar e de chegar visões múltiplas, além do sesgo das versões pessoais, que nascem da vivência e compreensom da realidade de cada pessoa.

Pretendemos facilitar umha análise desde a crítica e a individualidade, que incida no coletivo através da rutura, debate, discurso próprio... Pretendemos encontrar práticas para lutar contra o capitalismo e o patriarcado que nom caiam em atitudes autori-

tárias, punitivistas, hierárquicas ou de meritocracia. Tampouco queremos incluir lógicas que partam da simplificação dicotômica e biologicista. Sabemos que é um compromisso vital e a partir dele tentaremos construir ferramentas com estas premissas como horizonte.

A escolha dum blogue autónomo nom é casual: nom queremos facilitar a campanha de desprestígio que se está a suster contra projetos de contrainformação e editoriais anarquistas, através dos que teríamos, por unha parte, mais facilidade de acesso às redes, mas também de cair na guerra de comunicados, espetacular, que se afasta muito das nossas intenções.

Tampouco queremos participar da lógica do imediato: este projeto irá ao nosso ritmo, respeitando os nossos tempos vitais e dando-nos espaço à reflexão pessoal.

Consideramos a ação e dinâmicas totalitárias escolhidas por um setor acritico dentro do âmbito libertário como ferramentas nem emancipadoras nem válidas. Sabemos que temos muitas temáticas que tocar para analisar e teremos que aprofundar em diversos blocos que iremos acrescentando em base aos nossos tempos e forças.



Ardora
(s)edições anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSO
—| ZINES |—

COLAPSOZINES@RISEUP.NET